



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Zioni Ferretti, Danilo José

Afonso de Taunay e a apropriação do paradigma metódico: entre epistemologia e
sociabilidade

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,
vol. 6, núm. 12, agosto, 2013, pp. 229-234

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769679015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Afonso de Taunay e a apropriação do paradigma metódico: entre epistemologia e sociabilidade

Afonso de Taunay and the assimilation of the methodical paradigm: between epistemology and sociability

ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a história da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, 259 p.

Danilo José Zioni Ferretti

daniolzf@ufs.edu.br

Professor adjunto

Universidade Federal de São João del-Rei

Rua Santa Teresa, 106 - Centro

36300-114 - São João Del Rei - MG

Brasil

Palavras-chave

Afonso de Taunay; Escrita da história; Historicismo.

Keywords

Afonso de Taunay; Writing of history; Historicism.

229

Recebido em: 14/11/2012

Aprovado em: 7/12/2012

A República trouxe alguns deslocamentos importantes na produção do conhecimento histórico no Brasil. Dentre outros, sem que houvesse a anulação da importância do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), parece ter ocorrido uma significativa tendência à regionalização da produção historiográfica, amparada pela proliferação inédita dos Arquivos e Institutos Históricos e Geográficos estaduais. São Paulo, esse novo-rico com pretensões a liderança também no campo da cultura, apareceu como foco de intensa produção sobre o passado. Desse movimento coletivo se destacou, como figura chave, Afonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958), autor que, até a publicação do livro de Karina Anhezini, não havia recebido a atenção da historiografia condizente com a importância que teve para a escrita da história em sua época.

Dificilmente algum contemporâneo desenvolveu atividades tão diversas, nas mais variadas linguagens e gêneros, nem produziu um volume tão grande de escritos, abarcando áreas do saber e, na área da história, temas tão diferentes quanto ele, sem mencionar a farta epistolografia vazada na pior caligrafia já vista. Estudar a produção de Afonso de Taunay não deixa de ser um grande desafio. Talvez por isso os estudos acadêmicos que, nos últimos anos, sobre ele versaram tenham adotado certa cautela e evitado um olhar sobre o conjunto de sua obra. Um grupo tendeu a abordar a obra de Taunay de viés, como parte de um movimento mais amplo de construção de uma historiografia sobre o bandeirante e sobre o passado regional, que acabava por dar suporte a certa visão da identidade paulista e legitimar projetos políticos e sociais da elite estadual (ABUD 1985; FERREIRA 2002; FERRETTI 2004). Por sua vez, outros estudos deram mais destaque ao autor, mas tenderam a se concentrar sobre um aspecto específico de sua atuação, seja a sua prática museológica, seja seu investimento no universo iconográfico (BREFE 2005; MAKINO 2003; MORETIN 2000). Diante dessas duas formas predominantes de se abordar a obra de Taunay, a de viés e a focada, o livro de Karina Anhezini inova ao aceitar o desafio de buscar uma análise a mais ampla possível de sua escrita da história, sem prejuízo da precisão, uma vez que delimita sua análise a reconhecer, nos procedimentos metodológicos adotados por Taunay, uma importante chave de explicação do conjunto de sua obra.

Para compreender esse novo olhar, considere-se que Anhezini já havia estudado Taunay em seu mestrado, quando privilegiou o mapeamento dos laços de sociabilidade do autor por meio da análise de sua correspondência, aplicando um enfoque característico dos estudos de história dos intelectuais de François Sirinelli. A obra aqui resenhada, por sua vez, é fruto do doutorado defendido em 2006, na UNESP de Franca, sob a orientação da profa. Teresa Malatian, de reconhecido empenho nos estudos de história da historiografia. Em sua elaboração, Anhezini declara incorporar elementos da pauta de autores como Manoel Salgado Guimarães e Temístocles Cesar, que há alguns anos vêm redefinindo os estudos no campo da história da historiografia no sentido de uma leitura que valorize os elementos internos ao texto histórico e que parta de problemas de natureza epistemológica.

Sem negar o diálogo com a produção historiográfica anterior, Anhezini acaba por lançar outro olhar sobre a obra de Taunay, conferindo um peso inédito

aos procedimentos de natureza epistemológica de sua escrita da história, sem, contudo, desconsiderar as relações com dimensões extratextuais, caracterizadas pelo estudo dos laços de sociabilidade e dos lugares institucionais em que Taunay se inseriu. Não por acaso, a autora tem uma referência teórica privilegiada em Michel de Certeau, autor que parece desempenhar cada vez mais o papel de alternativa para a elaboração de uma história da historiografia que considere a dimensão discursiva (o estudo do “texto” histórico, de que fala o autor) e epistemológica (o estudo dos “procedimentos de análise”) do saber sobre o passado, sem prejuízo dos vínculos que estabelece com o universo social (o “lugar social”) (DE CERTEAU 2000). Um dos pontos fortes do trabalho estaria nesse esforço de incorporação da nova abordagem, sem desconsideração da dimensão societária que marca a produção anterior, mas igualmente sem que essa adquira um papel simplificador e exclusivo, conforme por vezes ocorria.

Os desdobramentos dessa escolha marcam todo o conjunto do estudo, conferindo coerência à organização dos capítulos. O coração, por assim dizer, do livro parece estar no primeiro capítulo, em que Anhezini estuda os procedimentos epistemológicos que marcaram o projeto intelectual de Taunay e que acabarão por orientar sua escrita da história e as iniciativas intelectuais em que se envolveu ao longo dos anos. Em conferência seminal realizada em 1911 sobre “Os princípios gerais da moderna crítica histórica”, antes de direcionar sua vida profissional para o estudo da história, Taunay definiu um modo próprio de conceber a prática historiográfica que permite à autora considerá-lo como um “metódico à brasileira”.

Taunay seria um “metódico” porque construiria toda sua prática a partir da afirmação textual de que “a história se faz com documentos”, fórmula retirada do manual de estudos históricos, lançado, em 1898, pelos dois expoentes da chamada “escola metódica francesa”, Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, autores não diretamente citados, mas que teriam servido de referência maior a todo o texto de Taunay. O diálogo com esses autores teria levado o autor brasileiro a preconizar a busca da “verdade moderna”, por meio de uma série de procedimentos a serem aplicados sobre o documento, fonte de onde brotaria a própria realidade do passado e sua obsessão constante. Lá estariam o apelo ao cultivo da heurística como prática de coleta, pesquisa e cotejo documental; aos métodos de “crítica externa”, como a crítica de inspeção da autenticidade documental por meio do cotejo entre original e cópia, a crítica de procedência que fixa a autoria do documento; aos “métodos de crítica interna”, mais voltados à interpretação do documento pela distinção dos sentidos literal e real das afirmações e pela aplicação sobre elas da “dúvida metódica”.

Contudo, seria um metódico “à brasileira” por ter realizado uma leitura aberta de Langlois e Seignobos, recusando alguns princípios e alterando outros do paradigma metódico, a partir da originalidade de sua própria trajetória e dos laços de sociabilidade intelectual que teceu no ambiente brasileiro. A principal divergência estaria na aceitação, por Taunay, da “História da Civilização”, entendida como história dos hábitos cotidianos e costumes. Para o autor brasileiro, ela seria a forma mais moderna de história e aquela a ser incentivada, em claro

distanciamento dos metódicos franceses, que a consideravam já ultrapassada por uma “história científica” de temática política, militar e administrativa. Quanto a esse ponto, Anhezini salienta a importância do diálogo que Taunay teve com Capistrano de Abreu, seu mestre pela vida inteira. Capistrano o teria levado a identificar essa “história da civilização” com seu próprio programa de estudos sobre a ocupação do interior do território, incentivando seu discípulo a definir, por volta de 1902, o estudo da história das bandeiras paulistas como seu principal projeto intelectual. Junte-se a esse ponto da “história da civilização”, o reconhecimento, por Taunay, da validade das formas romanceadas de escrita da história como acesso à verdade dos fatos – o autor estreara com um romance histórico, assim como conferiria certo “tom épico” à sua narrativa das bandeiras paulistas – e a presença de traços de providencialismo cristão oriundos de sua formação católica, e teremos o quadro de adições originais ao paradigma metódico que orientou a produção do autor.

Os capítulos seguintes acabam mostrando os desdobramentos dessa peculiar compreensão da escrita da história em momentos diferentes da trajetória de Taunay, cada qual caracterizado pela inserção em específico contexto institucional. O capítulo 2 trata dos primeiros passos de Taunay em direção ao estudo da história, mediante o seu ingresso, no ano de 1912, no IHGB e no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Sua entrada no IHGB é reputada não somente ao fato de sua perspectiva epistemológica, centrada na coleta e crítica documental, estar afinada com a da instituição, mas também ao peso da linhagem paterna, algo reivindicado pelo próprio Afonso, filho do famoso visconde Alfredo de Taunay, por décadas sócio de destaque do instituto, só rompido com o advento da República. A autora aproveita para explorar o papel desempenhado pelo pai, tanto na tumultuada trajetória de perda de prestígio social e econômico, que leva o jovem Afonso a se mudar, em 1899, do Rio de Janeiro para São Paulo, a fim de trabalhar, por mais de uma década, como lente de química na Escola Politécnica e no ginásio de São Bento, quanto na definição da temática de seus estudos sobre o sertão e a ocupação territorial do Brasil. Temas esses que, segundo Capistrano, o visconde teria sido o primeiro a conhecer “por autópsia”, por seu próprio olhar de viajante. Por sua vez, a admissão no IHGSP teria reforçado essa propensão de Taunay ao estudo da expansão territorial, conferindo-lhe um tom épico, comum nos trabalhos dessa instituição. A veia metódica de Taunay aí se faria presente na coleta documental e no tom comemorativo dos estudos reabilitadores que realiza sobre os dois historiadores coloniais que serviram de base para uma história laudatória de São Paulo: Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus, espécie de preâmbulo de sua atividade como historiador profissional.

Essa atividade se consolida com sua admissão como diretor do Museu Paulista (MP), em 1917, tema que marca o capítulo 3. Além de apresentar todo o trâmite para a designação de Taunay como diretor, que envolveu negociação política e familiar, Anhezini estuda a reformulação de orientação museológica que empreendeu, à luz, mais uma vez, da relação com o referencial epistemológico que definiu no texto seminal de 1911. A transformação do MP em um museu predominantemente

histórico trazia as marcas, na montagem das salas de exposição, da centralidade que conferia ao documento na reconstituição da “verdade moderna”. Ela se constituiu no mesmo movimento de coleta de fontes que marcou a elaboração de suas primeiras obras referentes à vida na cidade de São Paulo, durante os séculos XVI (3 volumes) e XVII (6 volumes). Essas obras, normalmente desprezadas nos estudos sobre Taunay, recebem a atenção de Anhezini, uma vez que representariam a concretização da história dos costumes que preconizava. Junto a elas, aborda o diálogo com Paulo Prado, as iniciativas de cópia e publicação de documentos orientadas por Taunay, além do início da publicação, em 1924, daquela que se tornou a sua obra mais representativa: a *História Geral das Bandeiras Paulistas* (HGBP). Até os anos 1950, ela chegaria a 11 volumes, conciliando minúcia documental com narrativa épica, em completa divergência em relação à tendência à síntese e ao ensaio, que então despontavam no ambiente historiográfico brasileiro, tema que, no entanto, não recebe maior atenção.

O capítulo 4, por sua vez, tem a inserção de Taunay na Academia Brasileira de Letras (ABL) como contexto institucional privilegiado, tema normalmente desconsiderado nos estudos sobre o autor. Além de apresentar toda a emaranhada negociação que leva à sua eleição, em 1929, a autora mostra como ele participa do jogo político da instituição. Indica-se que o processo de cabala e alianças que estabeleceu não estava dissociado de seus valores epistemológicos, uma vez que Taunay apoiou a admissão de candidatos que tivessem uma visão da história semelhante à sua, como foram os casos de Paulo Setúbal, Basílio de Magalhães e Pedro Calmon. Além de explorar as críticas que recebeu de Roquette Pinto, pela condescendência com que acatou elementos do racialismo arianista de Oliveira Vianna, a autora também explora um novo e original filão temático desenvolvido por Taunay. Trata-se do estudo dos monstros e da fauna fantástica da época dos descobrimentos, original incursão pelo terreno da cultura que já tangenciava a questão do imaginário edênico do período colonial, que viria a ser desenvolvida, no futuro, por Sergio Buarque de Holanda, ex-aluno de Taunay. O estudo termina no ano de 1939, de consagração no universo institucional, quando Taunay é eleito presidente do IHGSP e se despede da rápida experiência de docência no curso de história da Universidade de São Paulo, em discurso que, quase 30 anos depois, reafirma a concepção metódica de seu texto de 1911.

A produção historiográfica de Taunay é um continente vasto como o sertão que tanto o fascinava e, em muitos aspectos, como ele, árido e com riquezas ainda por explorar. Talvez pela minúcia das descrições, que nem sempre permitem identificar um fio condutor, e pelo volume de material que compõe sua obra, a autora não tenha dado uma atenção especial à análise das representações do passado elaboradas por Taunay, ainda que ela esteja presente. Do tripé certeauiano – composto pelo estudo do texto, dos procedimentos de análise e do lugar social –, comprehende-se que o texto histórico é o que menor atenção aqui receba. Um estudo mais atento, por exemplo, da narrativa do primeiro volume do HGBP, em que Taunay dialoga diretamente com os principais autores então empenhados na escrita da história das bandeiras, talvez ajudasse a compreender melhor sua forma própria de representar esse momento do

passado que tanta importância teve no conjunto de sua obra e na consciência de seus contemporâneos. Alguns temas e obras, como a monumental *História do café no Brasil* (em 15 volumes!) ou suas incursões pela Bahia, Minas e por Santa Catarina coloniais, além de várias outras, ficaram de fora do trabalho de Anhezini, o que é justificável e não constitui demérito, uma vez que o livro que aqui é resenhado certamente fornece a compreensão da base comum dos estudos de Taunay e uma orientação segura para posteriores explorações de sua vasta obra. A própria autora sugere, na conclusão, que o estudo do regime temporal da historiografia do autor constitui dimensão ainda a ser explorada, o que esperamos venha a ocorrer.

Mas seria redutor considerar que o trabalho de Anhezini somente auxilia na compreensão da produção de Taunay ou da historiografia paulista do início do séc. XX, resgatando do esquecimento e realizando um esforço de compreensão de um autor de grande importância para a época em que escreveu, mas hoje quase banido do cânone dos fundadores de nossa historiografia e de nossa memória disciplinar. Mais do que isso, o livro de Karina Anhezini contribui para a compreensão das condições para a escrita da história no Brasil do início do século XX, com destaque para a peculiar apropriação, entre nós, do historicismo, por sua mediação metódica francesa.

Referências bibliográficas

234

- ABUB, Kátia. **O Sangue intímorato e as nobilíssimas tradições.** Tese (doutorado em História). FFLCH- USP, São Paulo, 1985.
- BREFE, A.C.F. **Museu Paulista:** Afonso de Taunay e a memória nacional (1917-1945). São Paulo: Ed. Unesp; Museu Paulista, 2005.
- DE CERTEAU, Michel. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopéia Bandeirante:** letrados, instituições e invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- FERRETTI, Danilo J. Zioni. **A Construção da paulistanidade:** identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930). Tese (doutorado em História). FFLCH-USP, São Paulo, 2004.
- MAKINO, M. **A construção da identidade nacional:** Afonso de E. Taunay e a decoração do Museu Paulista (1917-1937). Tese (doutorado em História) FFLCH-USP, São Paulo; 2003.
- MORETIN, E. V. O tema do descobrimento do Brasil no cinema dos anos 30: uma análise de Descobrimento do Brasil (1937) de Humberto Mauro. **História:** questões e debates, nº 32, 2000.